



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

UTOPIAS POÉTICA E SOCIAL PERPASSAM A MÚSICA E A POESIA BRASILEIRA DOS ANOS 70

Fernanda Pessoa Barbosa
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: nandabarbosa012@gmail.com

Esmeralda Guimarães Meira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: esmelmeira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu a partir de uma análise literária do poema “Paz” de Camillo de Jesus Lima e da música “Casa no campo” de Zé Rodrix, eternizada na voz de Elis Regina. As duas obras foram produzidas no mesmo período histórico e trazem posicionamentos relacionados à situação social e política em que o Brasil se encontrava naquele momento, às condições de vida em que os cidadãos estavam submetidos no pós-guerra e em plena Ditadura Militar. O poema “Paz” foi escrito no ano de 1970 e faz parte do livro inédito *Poemas do Povo*, publicado separadamente em 1987, na Antologia Poética de Camillo de Jesus Lima, pela editora da UESB. A música “Casa no campo”, lançada em 1972 no álbum “Elis”, é autoria do publicitário, cantor e compositor Zé Rodrix, que afirmou em entrevista a Tuta e Nilton Travesso, que não imaginava o sucesso que ela faria na voz de Elis Regina. Afirma também: “A música é um retrato do que a minha geração estava sentindo naquela época, que era vontade de fugir, de largar tudo. Mas acho que é uma música perigosa” (ZÉ RODRIX, 2014). O que nos motiva neste estudo é entender as relações existentes entre as linguagens poética e musical nos textos, destacando as temáticas abordadas por seus autores, seu contexto histórico, que nos parecem reverberar nos dias atuais, após diferentes tormentas sociais e políticas, evidenciadas pelas distopias impostas à grande parte da humanidade; entender os objetivos dos autores e dos que lhe deram visibilidade por meio da palavra cantada ou poetizada, tornando-os ecos vivos de uma sociedade que sonha com um tempo de melhores condições humanas, o que muitos chamam utopia, também nos movem. Tanto a música como a poesia vêm possibilitar ao leitor compreender um pouco sobre a

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



realidade da época, os conflitos sociais entre as classes dominante e o proletariado, a forma como foram produzidas as obras, tornando evidente a condição das artes como instrumento de construção do conhecimento e de resistência, por parte de seus autores. Partindo dessa provocação, o objetivo dessa comunicação é reconhecer e realizar um diálogo entre as linguagens poética e musical, identificando seus propósitos que vão além da expressão artística, mas sim, corrobora o espírito político e social de um tempo histórico ao mesmo tempo em que faz disso elemento da própria história, além de destacar a coerência dos sentimentos e das atitudes de jovens imbuídos do propósito de conquistar seus espaços em busca de um mundo de liberdade.

METODOLOGIA

Para realização desse trabalho utilizamos de uma análise em perspectiva crítica, subsidiada por teóricos de diferentes linhas de pensamento, mas que não se contradizem, pelo contrário, se completam e auxiliam na compreensão de conceitos caros ao recorte que fizemos acerca da inter-relação entre as linguagens artísticas e realidades sociais que as movem. Entre os textos teóricos estudados podemos destacar *O que é música* de J. Jota Moraes (1991); *O que é semiótica* de Lúcia Santaella (2007); *O que é poesia* de Fernando Paixão (1991); *O Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels (2005), *Marxismo Original e Utopia* de Nildo Viana (2016). Além dos textos teóricos destacados, algumas crônicas jornalísticas de Camillo de Jesus Lima serviram de apoio aos fundamentos que buscamos enfatizar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Santaella (2007, p. 10) explica que nós somos “seres de linguagens”, seja ela verbal ou não, pois elas fazem parte da nossa vida em todos os momentos. Na época em que foram escritas as obras em epígrafe o Brasil estava vivendo uma Ditadura Militar, período em que os militares assumiram o poder depois de um golpe que destituiu o então presidente João Goulart. Foram 21 anos de repressão, com cinco militares no comando do país, um após o outro. A produção artística da época evidenciou o empenho político que a literatura e a música sempre tiveram no Brasil. Embora a conjuntura autoritária não permitisse uma livre crítica e a manifestação das opiniões dos diversos grupos fossem



silenciadas, pode-se dizer que houve um nível crescente de conscientização política no que diz respeito aos direitos humanos. Desde a década de 40 que a esquerda brasileira desempenhava importante papel na produção literária e musical, tendo como principal foco a crítica social e o desvelamento das relações de opressão entre as classes sociais. O poema “Paz” (LIMA, 1987) possui linguagem direta, escancarada, sem rodeios; sua estrutura também está impregnada de significado, a própria forma carrega sentido. A primeira estrofe é um exemplo disso: “Eu já não quero mais ouvir falar da guerra./ Tirem diante dos meus olhos essas cenas sangrentas./ Levem para longe de meus ouvidos esse ruído de metralhas./ Meus olhos já não podem mais contemplar esse rio vermelho/ E essa estupidez de carnes laceradas” (LIMA, 1987, p. 140). Esta é uma estrofe com muitos versos e versos longos que demonstram os sentimentos profundos e indignados do sujeito poético. Diante da máquina de escrever o autor não poderia fazer outra coisa, senão descrever, ilustrar, dar seu grito poético sobre os acontecimentos daquele momento, revelando o mundo através da sensibilidade e do engajamento social de sua poesia, resistindo, combatendo, conhecendo e intervindo na realidade. Da mesma forma, a música “Casa no Campo” fala sobre a realidade social: “Eu quero uma casa no campo / Onde eu possa ficar **no tamanho da paz** / E tenha somente a certeza / Dos **limites** do corpo e nada mais” (RODRIX, 1972, grifos nossos). Pensando nos parâmetros poéticos da composição musical, na sua letra, quando se fala em limites, vem logo à memória o período em que foi lançada a canção (auge da repressão). As pessoas estavam constantemente acuadas e reprimidas pelo regime, sem liberdade, sem direitos, sem cidadania. Enfim, inúmeros limites impunham-se às pessoas e “ter somente a certeza dos limites do corpo” é mais do que simplesmente ter um lugar para morar, é viver, sem medo de ser feliz, explorar tudo que existe nesse mundo, é “ficar no tamanho da paz”. Na terceira parte da música (terceira estrofe poética), continua-se a fazer relações com a realidade, com os sofrimentos das pessoas: “Eu quero o silêncio das *línguas cansadas* / Eu quero a *esperança de óculos*”. (Grifos nossos). A metáfora das “línguas cansadas” refere-se às pessoas cansadas, aos trabalhadores, cansados por diversos motivos, como a falta de direitos, as precariedades do trabalho, as repressões sofridas pela classe trabalhadora. A única coisa que resta a elas é o silêncio, o doce e amargo silêncio, mas, talvez, o mais sensato a se fazer naquele momento. Talvez tenha sido essa a reflexão de



Zé Rodrix (1972) quando afirmou ser esta uma música perigosa. Desejar a “esperança de óculos”, canta Elis em 1972, remete à necessidade de grau para melhor enxergar, à conquista de lentes de ampliação, para dar esclarecimento aos fatos, bastando focar as coisas com mais criticidade e acreditar que as coisas podem ser revertidas sim, mesmo quando o presente se apresenta tenebroso e perverso. Afinal, são nas adversidades que a força humana se expressa e pode mudar a perspectiva final. Vê-se que até a esperança parecia precisar de óculos para enxergar um mundo melhor. Dessa forma, notamos a presença da concepção utópica da realidade, não a utopia no sentido restrito de “sonho irrealizável”, mas como uma forma de apresentar uma crítica acompanhada de uma *práxis*, uma proposição de projeto de sociedade futura, uma proposta de transformação social em que o presente seja responsável para iluminar novos tempos. Assim, como propõe Viana (2016, p. 74), “as utopias sociais são aquelas que ultrapassam o mundo da ficção ou da aspiração contemplativa e se manifestam na vida social como projeto político, esperança messiânica, propostas de sociedade”. Já nos últimos versos do poema camilliano, o eu lírico pede que os proletários lhe falem de paz: “Falem-me de PAZ, meus irmãos proletários das cinco partes do mundo! / Falem-me de PAZ, meus irmãos! / Meus irmãos! / Meus irmãos!” (LIMA, 1987, p.141). “Irmãos” é a palavra usada para chamar os trabalhadores do mundo inteiro. Uma forma de replicar o que está na última frase do Manifesto Comunista: “Proletários de todos os países, uni-vos!” ou “Proletários de todo o mundo, uni-vos!” (MARX e ENGELS, 2005). A força dos camaradas unidos, lutando pela paz, em defesa dos seus direitos, tantas vezes oprimidos pelas classes dominantes. Segundo Marx e Engels, “O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores” (2005, p.22). Dessa forma, é preciso unir-nos com um objetivo prioritário: a libertação das “prisões” que assolam as sociedades, sejam elas quais forem. Os versos finais de “Uma casa no Campo” reforçam essa ideia em busca da liberdade: “Onde eu possa plantar meus amigos/ Meus discos e livros e nada mais” (ZÉ RODRIX, 1972). As utopias também são as molas propulsoras que movem os homens, mostram a realidade concreta e real, investindo contra as ideias e as concepções autoritárias e hegemônicas; manter aceso o fogo dos sentimentos utópicos, conduzidos para compreensão da realidade tal qual ela é (VIANA, 2016).

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



CONCLUSÃO

Destarte, ambas as obras expõem a voz dos que lutam pela liberdade, apontam para a importância do comprometimento coletivo e para a não acomodação aos limites impostos por uma sociedade hegemônica; trazem, ao mesmo tempo, um sentido de luta e de paz, vislumbram melhores dias, mesmo diante das adversidades; não se deixam abalar pela repressão e não escondem suas insatisfações com o momento histórico em que estão inseridos, questionam as condições econômicas, sociais, políticas e culturais que enredam os diferentes tempos históricos. Embora as obras em questão tenham sido produzidas no período da Ditadura Militar, as ideias e as críticas encontradas nas obras são imensamente atuais diante da atual conjuntura distópica, visto que as barbáries se repetem e cada vez mais fortalecidas pelos regimes totalitários e fascistas que assolam a humanidade. Homens, mulheres, uni-vos!!!

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Liberdade; Utopia; Resistência.

REFERÊNCIAS

- LIMA, Camillo de Jesus. **Antologia Poética**. – Vitória da Conquista: UESB, 1987.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto comunista**. 4ª reimpressão. São Paulo: Editora Boitempo, 2005. Cap.01, p. 40-51.
- MORAES, J. Jota de. **O que é música?** 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia?** 6.ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1991.
- RODRIX, Zé. Casa no Campo. In: ELIS REGINA. **Elis**. Brasil: Philips Records, 1972, faixa 11.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 1.ed. 26. Reimpr. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.
- VIANA, Nildo. Marxismo original e Utopia. **Revista Espaço Acadêmico**. N. 186. p. 71-83, novembro, 2016.
- Zé Rodrix conta sobre o momento em que compôs “Casa no Campo”. **Jovem Pan**, 2014. Disponível em <https://jovempan.uol.com.br/entretenimento/ze-rodrix-conta-sobre-o-momento-em-que-compos-casa-no-campo.html>. Acesso em: 13 de maio de 2019.